

GENTE FINA, MORA.

"Udigrudi" bu inseticida

princípio de um novo cinema brasileiro.

Em 1969, quase todos os cineastas brasileiros encostaram-se no muro das lamentações e curtiram o seu *spleen*. Joaquim Pedro de Andrade, ao mesmo tempo em que lançava *Macunaima*, dizia à revista *Veja*: "Estamos reduzidos à impotência, aliados dos centros de decisão. Não influímos em nenhum assunto importante da vida do país. A tendência para o irracionalismo está clara em todas as nossas atividades culturais. A gente sente que o tempo parou, que nada realmente está mudando. Quando a pessoa desiste de ser racional, está confessando que seu único caminho está fechado. Anos atrás, quando queríamos resolver alguma coisa, tínhamos que decidir coletivamente. As soluções individuais eram criticadas. Hoje está todo mundo na sua".

Joaquim Pedro estava definindo, de maneira elegante e racional, a grande tragédia familiar do cinema brasileiro, a mais escandalosa desde a briga de Glauber Rocha com Lima *O Cangaceiro* Barreto: em 69, os filhos de Joaquim, Glauber, os Diegues, Rui Guerra e Nelson dos Santos revoltaram-se, embora de

Em princípio, o cinema *underground* (ou *underground*), como passou a ser chamado, brasileiro surgiu de uma radicalização da posição de marginalidade que sempre caracterizou as relações entre o intelectual (leia-se cineastas) e a sociedade. Luis Rosenberg Filho, um dos primeiros malditos do *udigrudi* (seu filme-manifesto, *Jardim das Espumas*, parece condenado ao ineditismo nos circuitos comerciais), assim definiu o movimento: "Nossos filmes se propõem a abordar o problema da crescente marginalização do homem na sociedade atual, existencialmente falando, onde cada vez mais o indivíduo se isola dentro de si mesmo, indefeso diante de uma colossal barreira erigida pelo próprio contexto social". Aparentemente, a frase não acrescenta nada de novo às que os intelectuais de todas as espécies, origens, faixas etárias e posições políticas vêm ruminando desde a alvorada existencialista, há quase 30 anos (até Walter Hugo Khoury, o marginal do *upperground*, por certo a assassina). Mas outras frases, bem mais explícitas, foram ditas. "Se o leitor-espectador não concorda com o que estamos fazendo ou dizendo, recebemos para ele algumas doses de inseticida Tatu" (L. Rosenberg Fi-

Sergio Augusto fala mal. pais. de O Anjo Nasceu, por de Julio Bressane, QUE? um dos carros-chefe

do cinema ~~underground~~ Sergio Pasquim Augusto

lho); "o filme está na tela, se não entenderem pior pra vocês" (Geraldo Veloso); "não sabendo ver cinema, perderão a chance de assistir aos filmes mais interessantes do planeta - pior pra vocês, caretas" (Júlio Bressane). E o jogo passou a ser franco.

Os raros filmes que conseguiram romper o bloqueio do circuito comercial ajudaram a esclarecer ainda mais a jogada do *udigrudi*. Seu princípio gerador era a insatisfação, a revolta contra o sistema vigente de criação e consumo. Contestavam na prática o determinismo econômico do cinema comercial, filmavam em 16mm, com baixo custo de produção, volta rápida de capital quase que com qualquer receita, até mesmo com exhibições restritas a cineclubes. Eram contra o "intelectualismo burguês" do Cinema Novo (existe algum título que traduza melhor o caráter *edipiano* do *udigrudi* que *Matou a Família e Foi ao Cinema*, de Júlio Bressane?) Revelavam ainda a insatisfação do autor consigo mesmo. Uma revolta fundamentalmente calcada na auto-agressão, gesto suicida e impotente projetado em metáforas pouco sutis como a castração de um personagem de *Piranhas do Asfalto* (inedito até hoje), a entrega final do bandido de *Nenê Bandalho* e a mística premonição de morte do criminoso Santamaria (Hugo Carvana) de *O Anjo Nasceu*, de Julio Bressane, exibido semana passada no Bruni-Flamengo.

Avacalhação

Como alternativa de produção, o *udigrudi* abriu um caminho importante teoricamente, um caminho a que o cinema brasileiro de autor, pressionado pela inércia e pelo desinteresse do público por suas perplexidades, chegaria mais cedo ou mais tarde, por desespero ou lucidez. Os cineastas *udigrudi* saíram na frente por razões nada freudianas ou metafísicas: eram todos assistentes de direção e cinéfilos insatisfeitos, franco-atiradores interessados num rompimento radical com as formas tradicionais de afluência, produção e criação. "Quando a gente não pode fazer nada", disse Rogério Sganzerla, possivelmente o mais talentoso de todos os marginais, "a gente avacalha". Isto pode ser uma tentativa de definir um humorista, e também uma criança reprimida pelos

Em sua avacalhação, o cinema *udigrudi* agride em primeiro lugar o público, atitude considerada como um gesto político, dos mais impotentes que se conhece, acrescento. No teatro de agressão, ao menos, a violência não tem intermediários. Embora considerem-se todos na sua - o que, em muitos casos, é uma maneira sintética de justificar a auto-indulgência de sequências de deleite e compreensão exclusivos do autor - os filmes *udigrudi* têm muita coisa em comum. A montagem é arbitrária. O sentido de cada uma das ações praticamente começa e acaba num só plano (e o espectador nem sempre recebe qualquer informação capaz de fazê-lo compreender o porquê das ações). Os personagens falam de si mesmos e parecem criados com a finalidade única de se insultarem mutuamente. A encenação é mais importante que os acontecimentos encenados. E nesse cinema maneirista-de-agressão o fundamental acaba sendo o próprio filme, o cinema enfim. Daí o caráter profundamente narcisista do *udigrudi*. Em *O Anjo Nasceu*, quando o naturalismo inevitável começa a encurtar a distância entre a plateia e o filme, Bressane interrompe a ação com uma intrusa claquete. Godard já fez isto antes, só que em filmes mais inteligentes e visualmente mais ricos.

Proletarização

As críticas feitas ao Cinema Novo, ao seu intelectualismo burguês, ao seu universo classe média, à sua incapacidade de se comunicar com o público podem ser repetidas, com ligeiros retoques, ao *udigrudi*. O Cinema Novo falava de problemas e personagens da classe média; era um cinema classista, mas autêntico na medida em que, como a Bossa Nova, era a expressão de um universo tangível pelos seus autores. O *udigrudi*, em cujas hostes encontram-se guerrilheiros de famílias abastadas (casos de L. Rosenberg Filho e Julio Bressane), faz o oposto: é a classe média procurando entender o *lumpen*, descer ao lixo, se proletarizar mediante recursos a personagens marginais (em todos os sentidos, socialmente inclusive), desesperados e encurralados, à violência e a um despojamento formal incompatível com a estrutura geral dos filmes. Filmes como *O Anjo Nasceu*, inequivocamente instigante, me lembram o que seria da *Luta Democrática* se suas notícias fossem escritas por uma redação composta de poetas concretistas. Ao leitor, como ao espectador do filme de Bressane, só restaria uma saída: tomar algumas doses de inseticida Tatu.

Cineave

apresenta

Quarta-Feira 14 às 20:30 Parque Lage
sessão U Z A 200 para comemorar a Queda da Bas

tilha

CO r a
ções
que
men
TEM



filmes de propaganda aliada na segunda guerra em

8 mm

Agencia Star



oipivirp
ovon mu eb
ge mu novo
cinema praisiei
10.
Or

apre senta
berio
Tampam
cinemas

Cineave
otengua
Amesfo

(Salvados passageiros desembarcando do ATLANTICO;
HERALD deslealmente desafinando a imperial 'ouver-
ture:')

—Agora o Brazil é república;
O Throno no Hevilius caiu . . .

But we picked it up!

—Em farrapo
'Bandeira Estrellada' se viu.

